

# Apresentação

## *Presentation*

---

Abrimos o segundo número da revista *Conjectura: filosofia e educação* com o texto de Eloiza Gurgel Pires. *Modernidade, infância e linguagem em Walter Benjamin* está embasado nos estudos benjaminianos sobre a cidade para discutir a história como memória e o olhar alegorista da criança diante do labirinto urbano. Ao tentar recuperar os tempos e espaços da infância, não a partir de um período demarcado cronologicamente, mas como uma experiência de linguagem, o filósofo alemão pôs em xeque uma concepção linear de conhecimento baseada no *continuum* da própria história, desenvolvendo, assim, a crítica de determinado modelo de razão e de racionalidade. A partir do pensamento benjaminiano, apresenta uma visão ampliada da educação, para além das fronteiras e temporalidades disciplinares e dos âmbitos das instituições educativas.

Segue-se o texto de Alex Sander da Silva, Jéferson Luís de Azeredo e Ricardo Luiz de Bittencourt intitulado *O pensamento em constelação adorniano como possibilidade de reflexão crítica sobre as práticas formativas em contextos educativos*. Os autores refletem sobre o pensamento em constelação proposto por Adorno para problematizar as práticas formativas colocadas em movimento nos contextos educativos. Também refletem sobre o domínio da natureza, que se desenvolveu no domínio também do ser humano sobre si mesmo, de forma que o triunfo que seria a superação do mito, do mundo encantado, tornou-se tragédia. As problematizações construídas nesse trabalho podem contribuir para o desvelamento da multiplicidade de questões que envolvem a complexidade do campo educativo e dos sujeitos que ali se constituem. Nessa direção, é imprescindível redimensionar os processos de formação docente, ampliando as perspectivas de formação e promovendo experiências de autorreflexão da própria razão.

O terceiro texto intitula-se *A (In)determinância do capital cultural e do background no desempenho dos bolsistas Prouni: das notas além do esperado às hipóteses de resultados improváveis*. Nele, Julio C. G. Bertolin e Cristina Fioreze problematizam a suposta superioridade de notas dos bolsistas em disciplinas e no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e, ao mesmo tempo, analisam hipóteses que explicariam o desempenho além do esperado desses estudantes provenientes de meios populares.

Em *O discurso pós-metafísico em uma sociedade secularizada segundo Habermas*, Alexandre Paludo Bressiani e Paulo César Nodari, partindo do pensamento de Habermas, apresentam, por um lado, um discurso filosófico ciente das dificuldades e, também, de sua falibilidade, mas, por outro, da sua relevância na busca da construção do discurso filosófico com sentido a partir do consenso válido intersubjetivamente.

O texto seguinte, *Klaus Günther e a nova perspectiva sobre a teoria da argumentação: justificação e aplicação*, é de autoria de Keberson Bresolin. Nele, o professor da UFPel apresenta, dialoga e também levanta algumas críticas à teoria da argumentação de Klaus Günther. O jusfilósofo demonstra que há dois tipos de discurso, a saber, o discurso de justificação e o discurso de aplicação. O discurso de justificação parte do princípio universal “U” – já conhecido da ética do discurso. Sua função é a justificação por meio da consideração de todos os interesses envolvidos. Segundo Günther, o engano do discurso de justificação foi entender a validade de uma norma como contendo cada uma das suas situações de aplicação. Por sua vez, o discurso de aplicação tem por objetivo considerar as particularidades da situação a fim de verificar qual norma é a mais adequada ao contexto em questão.

Carla Gonçalves Rodrigues e Josimara Wikboldt Schwantz, em *Por um aprender da invenção: modos de ler-escrever em oficinas de escreleituras*, investigam os modos como vêm sendo realizadas intervenções nas práticas de leitura e de escritura em escolas brasileiras da rede pública que aderiram ao projeto denominado *Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* (OBEDUC, 2010 – CAPES/INEP), durante seus quatro anos de desenvolvimento: de 2010 a 2014. Como resultado, compreende-se que um aprender, observado pela perspectiva filosófica deleuziana e experimentado em oficinas de escreleituras, constitui-se pela invenção, ao vivenciar outras formas de se relacionar com o pensamento, seja lendo, escrevendo, seja criando.

Em *Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural (bildung) na elaboração do sistema educacional alemão*, Marcos Fábio Alexandre Nicolau empreende uma reflexão sobre o conceito de *formação cultural (bildung)*, que perpassa e está perpassado pela própria criação do sistema educacional alemão.

Segue-se o texto *Ética da alteridade e o paradoxo da hospitalidade ao outro na educação* de José Valdinei Albuquerque Miranda. Com base no pensamento filosófico de Emmanuel Levinas e Jacques Derrida, o autor discute a questão da alteridade e o paradoxo da hospitalidade, problematizando os modos de integração, a postura de tolerância e as regras de aceitação do *outro* na educação. Destaca a permanente tensão existente entre a lei da hospitalidade incondicional e as leis que condicionam o acolhimento do *outro*. Traduzido para o contexto educacional, a escola abre as suas portas para a inclusão do *outro*, mas também determina sob que condições essa inclusão deve acontecer. É um desafio às políticas e práticas educativas, pois problematiza os diferentes modos de pensar a questão do *outro* na educação.

O nono texto, intitulado *Virtualização e sociedade digital: reflexões acerca das modificações cognitivas e identitárias nos sujeitos imersivos*, é de autoria de Martha Kaschny Borges e Sandro de Oliveira. Os autores refletem sobre as modificações cognitivas e identitárias nos/dos sujeitos da sociedade digital – denominados aqui de sujeitos imersivos, no sentido proposto por Lucia Santaella. Para tanto, consideram a hipótese de que a compreensão de conceitos, como ciberespaço, cibercultura e virtualização, exige, antecipadamente, o resgate do sentido de termos como virtual, real, realidade e atualidade. Indicam a emergência de um novo sujeito de aprendizagem com processos cognitivos distintos e novas demandas sociais. Essas condições impõem um redimensionamento dos saberes e das atitudes de professores e especialistas em educação. Por fim, sugerem a necessidade de intensificação dos estudos acerca da virtualização da sociedade contemporânea, a fim de compreender as características identitárias dos sujeitos imersivos.

O último artigo intitula-se *O uso de fontes orais na pesquisa em Lomba Grande – RS: aspectos das Escolas Isoladas (1940-1950)*. José Edimar de Souza trata de aspectos da história do ensino no meio rural de Lomba Grande – RS, entre 1940 e 1952, a partir da memória de alunos e professores de Escolas Isoladas municipais. As memórias são analisadas na perspectiva do “tempo social”, no sentido de que trata Halbwachs

(2006). O autor enfatizou a discussão do uso da memórias oral e escrita como possibilidade investigativa para estudo da história da educação no meio rural, tendo como pressupostos as fontes como documento/monumento, como discutem Certeau (2011) e Le Goff (2012). As memórias permitiram conhecer e compreender como as práticas e culturas escolares foram se constituindo no interior da Escola Isolada nessa localidade.

Encerra o presente volume a resenha da obra *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, de Martha Nussbaum, realizada por Everaldo Cescon.

**Boa leitura!**

**Os Editores**

*Everaldo Cescon*

*Nilda Stecanela*

*Evaldo Antonio Kuiava*